




**IMPREVISTOS, SURPRESAS E CRIATIVIDADES NA
ELABORAÇÃO DO VIVIDO: REFLEXÕES
METODOLÓGICAS SOBRE A HISTÓRIA ORAL COMO
PRÁTICA DO E NO TEMPO PRESENTE**

**UNFORESEEN EVENTS, SURPRISES AND
CREATIVITY IN THE ELABORATION OF THE LIVED
EXPERIENCE: METHODOLOGICAL REFLECTIONS ON
ORAL HISTORY AS A PRACTICE OF AND IN THE
PRESENT TIME**



Ana Carolina Machado*

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

 <https://orcid.org/0000-0002-2125-3387>
anacarolinamachado.historia@gmail.com

A partir do questionamento “a história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?”, o historiador Christian Delacroix (2018) se empenhou em delimitar as especificidades da abordagem elencando uma série de questões, entre elas, o fato de ser a única que produz História tendo como interlocutoras testemunhas vivas. Esse talvez seja o principal elemento que liga a história do tempo presente e a história oral, já que o que faz o historiador ao entrevistar pessoas que dividem com ele um mesmo tempo, é uma história do tempo presente

* Doutoranda em História do Tempo Presente pela Universidade Estadual de Santa Catarina -UDESC, com pesquisa financiada pela pelo Programa de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP)

propriamente dita. Conforme Lohn e Arend (2019, p. 166), “ao buscar processos em movimento e trajetórias não encerradas, a história do tempo presente é uma história da vida”, vida em andamento, e, portanto, a mercê do devir. A história oral é uma prática que demanda planejamento, mas que justamente por acontecer de forma interrelacional e no fluxo do tempo vivido, é constantemente atravessada por situações não imaginadas. Apesar disso, raramente os historiadores se propõem a refletir sobre essas situações que ocorrem no entremeio, e é nesse aspecto que reside a originalidade e contribuição de **Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral**, que ao se preocupar com a dimensão processual da história oral, traz em seu bojo “ensaios que colapsam qualquer fronteira rígida entre teoria e empiria” (HERMETO, SANTHIAGO, 2022, p. 23).

Publicada em 2022 pela Letra e Voz, e organizada pelos historiadores Miriam Hermeto e Ricardo Santhiago, a coletânea reúne relatos de pesquisadores/as que ao coletarem narrativas por meio de entrevistas pessoais, foram colocados em situações inusitadas, carregadas de surpresas e imprevistos, as quais não somente reverberaram no rumo de suas pesquisas e trajetórias intelectuais, mas os/as fizeram refletir sobre as complexidades de sua prática. Essas situações foram colocadas em reflexão e puderam ser resignificadas, porque vividas por pesquisadores que fazem da história oral uma sensível arte de escuta, como propõe Portelli (2016). A coletânea soma-se a outras iniciativas que têm refletido sobre as questões teóricas e metodológicas da história oral nos últimos anos, a partir de enfoques e temas específicos. Dentre essas, vale destacar os livros que compõem a coleção dirigida pela historiadora Juniele Rabêlo de Almeida, intitulada *História Oral e dimensões do público*.¹ Seus organizadores, Miriam Hermeto e Ricardo Santhiago, fazem parte de uma geração de historiadores/as que têm se empenhado nesse debate a

¹ Disponível em: < [Coleção História oral e dimensões do público \(letraevoz.com.br\)](http://Coleção_História_oral_e_dimensões_do_público_(letraevoz.com.br))>. Acesso: 08 nov. 2022.

partir do Brasil, movidos/as pelas questões que surgem na elaboração de suas próprias pesquisas, e que têm produzido uma ampla e densa bibliografia acerca do tema, servindo como importante referência para aqueles que desejam se enveredar por esse campo. Prefaciada por Mercedes Vilanova e com posfácio de Alessandro Portelli, a coletânea é dividida em seis partes, sendo que cada sessão é composta por ensaios e um comentário, ao final.

A primeira parte, intitulada *Rompendo o silêncio: o imprevisto como irrupção*, reúne um conjunto de textos que abordam imprevistos que serviram como descoberta e emergência do não dito. No texto *A história desconhecida do meu avô*, Luiza Porto compartilha como a quebra de silêncio e a revelação da experiência de seu avô em um leprosário viabilizou sua pesquisa sobre hanseníase, estudo que abordou o estigma social existente sobre pessoas ex-hansenianas e seus descendentes, a partir da história de vida. Já Steven High, no texto *Florence Richard, violência sexual na infância e o que há de perturbador na história local*, compartilha suas experiências ao entrevistar Florence Richard. Na intenção de ouvir o entrevistado falar sobre seu ativismo no Partido Comunista durante os anos de 1930 e 1940, o autor foi surpreendido por uma narrativa sobre violência sexual vivida na infância. A entrevista trouxe à memória a própria experiência de High com violência sexual, possibilitando reflexões sobre os silêncios acerca do tema.

Em *Um presente inesperado: história oral e a documentação do Michfest*, Ann Cvetkovich relata a experiência de história oral na pandemia do Covid-19. Seu objetivo era documentar o Michigan Womyn's Festival, instituição cultural lésbica e feminista. Da impossibilidade de entrevistas presenciais devido ao isolamento, surgiu uma alternativa de realizar "Rodas de fogueira virtuais", em *lives* via Facebook, viabilizando outras versões de entrevistas. No comentário *A elaboração do vivido*, Ana Maria Mauad aponta os ganhos de Luiza pela possibilidade de uma pesquisa inédita, e do avô pelo trabalho de memória que viabilizou a redefinição de seu papel social. Segundo Mauad, a entrevista de

High oportunizou não apenas um espaço de denúncia de um tema sensível, mas promoveu um encontro com seu próprio passado. Já Ann Cvetkovich experimentou novas formas de produção da história oral em um contexto atípico.

Com o título *Entre mentiras e meias verdades: o imprevisto como falseamento*, a segunda parte é composta por relatos que problematizam distorções e deturpações nas entrevistas. Heliana Conde, no texto *Mentiras sinceras me interessam: potências do falso em história oral*, conta que ao ouvir seu entrevistado em duas situações diferentes, pode perceber mudanças no discurso, identificando falseamentos. O contraste da narrativa informal com e escritos autobiográficos do personagem de seu entrevistado foram compreendidos pela autora como diferentes formas de produção de memória e afirmação, que revelam mentiras sinceras que podem ser interessantes caminhos de pesquisa. Em *Lembranças acesas e outros olhares sobre antigas entrevistas orais*, Lívia Nascimento Monteiro relata a experiência de ter entrevistado suas tias-avós, no objetivo de analisar a festa negra Congada e Moçambique (MG), que é realizada em territórios segregados pelo racismo, como forma de afirmação da raça negra. As tias avós, que haviam desempenhado cargos importantes na associação ligada à festividade, concederam entrevistas que, por serem consideradas rasas, não foram utilizadas para a pesquisa. Anos depois, Monteiro reconheceu que aquelas formas “rasas” de lembrar eram diferentes elaborações de memória, e falavam não apenas das relações familiares, mas da segregação racial e os privilégios que permanecem no local, e também do seu próprio lugar de fala: uma historiadora branca tratando de uma festa negra.

No texto *A peça imperdível que tanta gente encenou: um mosaico de (falsas) memórias*, Miriam Hermeto revisita uma entrevista que havia sido descartada, tomada como experiência frustrante. Interessada em compreender o impacto social de *Gota D'Água*, a historiadora entrevistou pessoas que haviam assistido a peça. Ao analisar uma das entrevistas anos depois, detectou que pela

narrativa, um entrevistado parecia não ter, de fato, a assistido. Seu imprevisto foi um falseamento de memória que apresentou ambiguidades, distorções e invenções. Em *A história de amor que nunca existiu*, Ricardo Santhiago divide as implicações enfrentadas ao se deparar com a mentira em uma entrevista, e o desafio de fazer história oral quando as testemunhas não apenas questionam os encaminhamentos da pesquisa, mas o fazem num certo tom de ameaça. Já possuindo vasto conhecimento sobre Miriam Batucada, sua biografada, Santhiago foi entrevistar aquela que seria o grande amor da cantora, a qual não apenas negou sua relação com a mesma, distorcendo e invalidando informações recorrentes em outras fontes, mas lembrou o pesquisador das implicações jurídicas sobre “contar histórias que não aconteceram”. No comentário *Os restos, suas formas inusitadas e o gesto de catar: reencontros com entrevistas*, Luciana Kind observa a importância de ressignificar aquilo que, outrora, foi visto como “resto”. Segundo ela, não existem entrevistas ruins e descartáveis, sempre há a chance de revê-las, e que foi a partir do encontro com o que aparentemente havia dado errado, que os autores puderam reinterpretar seus processos de pesquisa.

O conjunto de textos presentes na terceira parte, intitulada *Rotas de desvio: o imprevisto como operação de memória*, narram diferentes projetos de história oral, que culminaram em entrevistas que consultadas a posteriori, possibilitaram caminhos reflexivos bastante diferentes dos objetivos a partir dos quais foram elaboradas. É o caso do texto “*Quem andou no meu carro? Qual a conclusão sua? Jesus!*”: *subversões e deslocamentos na releitura de uma entrevista*, de Luciana Heymann e Verena Alberti, que compartilham seu trabalho no projeto Trajetórias das Universidades Paulistas Privadas no Brasil, cujo objetivo era compreender o crescimento do setor privado do ensino superior. Um dos entrevistados subverteu o objetivo do encontro a partir de três dimensões: no conteúdo, fugindo do assunto que lhe foi abordado, na performance, ao enfatizar os gestos e sensibilidades no compartilhar de uma experiência pessoal, e no

setting, ao fazer com que as historiadoras visitassem um santuário. Anos depois, a entrevista despertou novas questões: a problematização entre as esferas políticas, de ensino superior e religiosas, assim como aspectos indubitavelmente racistas da narrativa. Em *Sobre os restos: metabolizando as excrescências da memória*, Daisy Perelmutter compartilha duas situações. Na ocasião de sua pesquisa, que tratou de artistas com ascendência judaica, a autora precisou não apenas lidar com várias condições para a realização de uma entrevista, como com e a afirmação de um fraco judaísmo de seu entrevistado. Após receber a devolutiva, o entrevistado enviou ratificações ao texto, solicitando nova entrevista. No segundo caso, tratava-se de um depoimento realizado com um reconhecido músico da “Vanguarda paulista”, para o projeto de “Memória da produção artística brasileira”, vinculado ao Setor de História Oral do Museu da Imagem e Som (SP). Além de não comparecer ao encontro e ter sido necessário buscá-lo em sua casa, depois de insistências, a narrativa permeada por queixas, desabafos e dor de um artista negro e periférico sobre sua trajetória, se mostrou bastante diferente do que se esperava, que seria o relato de uma exemplar carreira.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Raphael Rajão Ribeiro escreveram *O imprevisto na utilização de entrevistas de segunda mão: José Sebastião Witter e o projeto Memória do Futebol do Museu da Imagem e do Som em São Paulo (1981-1984)*. Com foco em problematizar a reutilização de entrevistas feitas por terceiros, os autores analisaram as entrevistas que compunham o acervo do projeto, identificando que, ao invés de escutar sobre as trajetórias de vida de ex- atletas da Seleção Brasileira e de organizadores de torcida, um entrevistador acabou por tecer suas próprias considerações acerca do futebol brasileiro, travando debate com os depoentes, e colocando seus próprios pontos de vista sobre o tema, questão que só pode ser analisada por um método que os autores chamaram de “ouvir contar às avessas”. O comentário *Revisitando as fontes orais: o imprevisto e o esperado na práxis da História Oral*, de Jorge E. Aceves Lozano,

destaca a importância de revisitar as fontes em momentos posteriores, e de não tomá-las monumentos que não podem ser questionados.

Os textos da quarta parte, cujo título é *A resposta é um outro tema: o imprevisto como gerador*, discorrem sobre o aspecto construtivo dos imprevistos. Em *Procurando heróis, encontrei-me com trabalhadores comuns: uma comunidade operária na ditadura argentina*, Camillo Roberti confessa sua intenção de confirmar hipóteses, a partir do imaginário da América Latina como continente cuja história é permeada por revoluções. Interessado em analisar o que os trabalhadores recordavam sobre a resistência à ditadura militar na Argentina, e entendendo-os como vítimas, se deparou com narrativas que ao invés de relatarem confrontos e greves, mobilizaram memórias saudosistas, que enfatizaram aspectos positivos do fordismo. Um novo caminho de pesquisa se abriu, na medida em que se apropriou dessas narrativas como vetor para seus próximos trabalhos. Plínio Ferreira Guimarães, no texto *Os vários caminhos da memória: reflexões sobre a experiência de entrevistas com moradores da Serra do Caparaó*, compartilha os impasses em entrevistas com pessoas conhecidas. Seu interesse era investigar as lembranças que os moradores tinham sobre a guerrilha do Caparaó, movimento de resistência à ditadura militar, com foco no medo do guerrilheiro. O contato com os moradores revelou, no entanto, seu desconhecimento sobre os acontecimentos, assim como diferentes significados para o termo guerrilha. Diferente do que o autor imaginava, as narrativas demonstraram simpatias pelos militares, lembrados de forma benéfica. Esse inesperado, entretanto, foi o pontapé para seu projeto de doutorado.

Em *“Tudo já foi dito”*: *encontros surpreendentes na Irlanda*, Dieter Reinisch narra suas experiências ao investigar o cotidiano de prisioneiros ativistas republicanos na Irlanda do Norte, ao buscar compreender a vida na prisão e os hábitos de leitura e autoaprendizado dos presos, a partir de entrevistas com terroristas condenados. As relutâncias e desconfianças dos entrevistados são entendidas como um dos principais desafios da história oral. Um de seus

entrevistados, ao fugir do foco da entrevista, mencionou que não havia mais nada a ser dito. Os dados adquiridos não foram usados em sua tese, mas serviram, igualmente, para projetos futuros sobre esportes em campos de internamento e prisões. No comentário final, Linda Shopes salienta que desses inesperados podem surgir novos pesquisadores e trabalhos, e que são eles, muitas vezes, o elemento que desnaturaliza as generalizações. Ressalta, a necessidade de saber a impressão dos entrevistados acerca das entrevistas, a importância do trabalho colaborativo, e em diálogo com a história pública, enfatiza que a história oral é um importante recurso cívico, que deve servir à sociedade.

A quinta e penúltima parte, intitulada *Nada além de surpresas: o imprevisto como um dado*, traz relatos nos quais o inesperado se apresentou como um aspecto. No texto *O caso do bandido desconcertante*, Indira Chowdhury conta sobre um trabalho na Índia, em que foi contratada por uma ONG para reunir relatos de superação e assistência em uma região conhecida por práticas de vandalismo e banditismo. Lá, se deparou com a narrativa do “bandido desconcertante”, que preocupado em elaborar uma imagem respeitada sobre si, no presente, ofereceu pistas que permitiram a compreensão dos comportamentos e da violência social, assim como as estruturas hierárquicas de gênero, quando a pesquisadora entrevistou sua esposa, e pode perceber as contrapartidas domésticas que colocaram em xeque o heroísmo do sujeito “transformado” que a ONG pretendia expor.

Regina Helena Alves da Silva e Leylianne Alves Vieira no texto *Da entrevista estruturada às sensobriografias geracionais: trauma e biografias orais de três gerações de mulheres de uma família*, relataram a experiência de uma pesquisa na qual o objetivo era realizar uma cartografia social das comunidades de Córrego Grande de Feijão, no município de Brumadinho (MG), e Pires e Parque Cachoeira, buscando compreender os impactos do rompimento da barragem da mina homônima. O método de entrevistas semiestruturadas com moradores

precisou ser modificado, pois não dava conta do que era exposto por eles exposto. A partir da sensobiografia geracional, as autoras compreenderam memórias mobilizadas por diferentes gerações, e como se relacionavam com o tempo, o espaço e o trauma. A mineração, que antes se apresentava como uma oportunidade de vida, tornou-se vetor da destruição.

O texto “*Nossa universidade*”, “*nossa categoria*”: *o caso de Itany e as tensões das memórias*, de Iara Souto Ribeiro da Silva, trata dos caminhos de sua pesquisa sobre a construção de uma memória oficial da Universidade Federal de Minas Gerais sobre sua história durante a ditadura militar. Ao entrevistar um servidor vivo, com objetivo de problematizar o silenciamento de funcionários militantes na documentação institucional, o mesmo inverteu os papéis, mostrando interesse sobre a trajetória da pesquisadora na mesma universidade. Sua narrativa não o colocava como vítima, mas enfatizava as formas bem-sucedidas das lutas que levaram à conquista de direitos para a classe trabalhadora, com objetivos pedagógicos, despertando novas percepções da pesquisadora. Gabriel Amato, no comentário *A história oral como cultura dos pesquisadores*, fala sobre os aspectos que fazem da história oral uma prática cultural, que quando colocada em contato com os imprevistos, precisa realizar uma autoanálise, uma postura crítica autorreflexiva, atitude presente nos relatos dos pesquisadores que souberam produzir saberes novos.

O livro termina com a sessão intitulada *Caminhos e aberturas: o imprevisto como método*, que reúne textos que tratam das reconfigurações metodológicas advindas dos inesperados. Em *Ser paulistana, pesquisar a cena cosplay e escutar jovens geeks em beagá*, Mônica Rebecca Ferrari Nunes compartilha seu percurso ao pesquisar sobre o ser cosplay e o consumo das memórias de animes, games e outros elementos da cena cosplay da cultura juvenil. Acostumada a aplicar o método *flânerie* em festivais de São Paulo, foi surpreendida em Belo Horizonte, na medida em que lá, os jovens se recusaram a conceder entrevista, demandando uma mudança de método e aproximação. Já Joana Barros no texto

O nada, o inesperado, o medo: erros das entrevistas e vida na rua, conta sobre sua pesquisa, que teve como objetivo analisar experiências de moradores de rua, problematizando a relação entre pobreza e trabalho. O relato traz à tona a experiência de entrevistar dois moradores de rua em São Paulo, que apresentaram narrativas cíclicas, marcadas por esquecimentos e ausências, estruturadas a partir da lembrança do presente, nos quais as rupturas e os marcos do trauma, da perda, do medo e da violência ganharam espaço. A desordem cronológica revelou formas de contar o que não pode ser dito: a vida nas ruas e as situações que são colocados aqueles que as habitam. Sua não linearidade provocou uma “desordem” no método de Barros.

Classificação étnica e trauma durante o genocídio em Ruanda, de Philippe Denis, trata de uma entrevista com um pastor presbiteriano que sobreviveu o genocídio em Ruanda, episódio do massacre de milhares de pessoas em meados da década de 1990. A entrevista tinha como objetivo compreender sobre a memória do genocídio, tendo como foco a reconstrução da Igreja Presbiteriana em Ruanda. O entrevistado, contudo, se mostrou mais interessado em compartilhar a sua história sobre o genocídio, sem se enquadrar em uma identidade étnica ao falar de si mesmo. Isso fez com que Denis percebesse que o caso de Ruanda não girava em torno do problema da etnicidade, mas da construção de uma ideologia acerca da etnicidade, o que o levou a novas interpretações sobre o tema. Encerrando a sessão, *O luto como imprevisto: reflexões a partir da cosmopolítica indígena Xacriabá*, de autoria de Juliana Ventura de Souza Fernandes, relata sobre seu trabalho junto ao povo indígena Xacriabá (MG), cujo objetivo foi analisar a ditadura militar a partir do “olhar” do povo indígena, contemplando conceitos, memórias e temporalidades nativas. Apesar da morte de uma importante liderança do território, surpreendentemente havia uma vontade coletiva para falar, viabilizando uma “não-entrevista”, em que as experiências se deram num tom de conversa e em meio a caminhadas. Ao invés do silenciamento, as narrativas coletivas apontaram para a construção da

consciência sobre um povo reprimido e violentado pelas autoridades brasileiras durante a ditadura militar, que ao falar, demonstraram sua vontade de justiça.

Como enfrentamos o imprevisto? Práticas constitutivas do método da história oral, escrito por María Laura Ortiz, é o comentário que fecha a coletânea. Ortiz realiza uma reflexão epistêmica, problematizando a ideia de um método estanque, sob o qual as Ciências Sociais e Humanas foram pautadas na tradição ocidental, e cujas bases seriam a neutralidade e a objetividade na busca pela veracidade. Essa noção, hoje bastante questionada, segundo Ortiz, se coloca ainda mais urgente no que diz respeito à história oral, uma prática cujo método se dá numa relação de humanidade e subjetividade, e que por isso, precisa ser flexível. Para ela, os relatos da sessão demonstraram como a história oral não possui uma bula, mas é constantemente reinventada em meio ao fazer.

Ao tratarem de processos de pesquisas realizadas no tempo presente, os ensaios demonstram que há potência nos “erros de percurso” e que as surpresas e imprevistos, ao invés de constituírem incontornáveis empecilhos, podem viabilizar caminhos inéditos. Ao colocarem no centro de sua autorreflexividade as experiências inesperadas - e inesperadas porque são humanas - os textos dessa coletânea ressignificam, com sutileza e meticulosidade, as noções de imprevisto e surpresa, possibilitando não apenas novas formas de praticar e repensar a história oral, mas apontando caminhos emergentes que não fossem o inesperado ou o “erro”, não existiriam. A coletânea nos convida a refletir, assim, sobre que o descompasso entre a expectativa e o inesperado nas entrevistas não precisa ser encarado como frustração, tampouco ser tomado como fracasso. Pelo contrário, pode ser visto como oportunidade, na medida em que os textos evidenciam não os impedimentos que certos infortúnios podem gerar, mas o que pode - e deve - ser feito com, sobre e a partir deles, em termos criativos.

A grande contribuição da obra talvez seja, conforme María Laura Ortiz (2022) destaca no prefácio, elucidar que em história oral, imprevistos não são

exceção, mas regra do método. Semelhantemente, Alessandro Portelli (2022, p. 319) enfatiza, no pós-fácio, que “estar aberto ao inesperado é regra básica para qualquer pessoa que faça trabalho de campo - de certa forma para qualquer pessoa que pesquise, porque é isso o que permite que você não encontre aquilo que esperava ou o que já sabia que encontraria”. Assim, a coletânea demonstra que a prática da história oral impõe mudanças que, muitas vezes, acabam por desconstruir as hipóteses e objetivos iniciais dos pesquisadores/as na medida em que eles se dispõem não apenas a ouvir o que gostariam, mas o que os narradores querem – ou não - contar sobre suas experiências de vida. E, principalmente, como querem contar.

Dessa forma, ao evidenciarem experiências de história oral pautadas em um trabalho participativo que envolve de forma direta o pesquisador e os pesquisados na produção da entrevista, e uma escuta atenta e preocupada da parte dos pesquisadores com o que pensam os entrevistados, os ensaios desta coletânea evidenciam uma das interfaces entre a história do tempo presente e a história pública. Esta última entendida enquanto uma história feita *para, com e pelo* público (MAUAD, ALMEIDA, SANTHIAGO, 2016), na qual se estabelece uma autoridade compartilhada entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Entendemos, assim, que a coletânea se configura como um exercício de história do tempo presente, promovendo uma prática coletiva de história na elaboração do vivido, em que os sujeitos envolvidos e suas narrativas e percepções não são tomados apenas como objeto e fontes. Eles se tornam, também, diretamente produtores e protagonistas do processo da operação historiográfica, fazendo valer suas vontades, impondo seus limites, propondo caminhos, desviando do objetivo inicial da entrevista, enfim, interferindo em seu andamento e formulando histórias outras.

Poderíamos dizer que toda história oral que não siga parâmetros tradicionais há muito tempo já abandonados - como roteiros preestabelecidos rígidos seguidos à risca - possui esse caráter colaborativo, e que há algum

tempo os trabalhos que se utilizam desta metodologia têm discutido sobre a relação de interdependência entre entrevistador e entrevistado. Contudo, a originalidade de *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral* e suas contribuições para a história do tempo presente é a ênfase que os textos dão para o processo. Eles trazem os percalços e as descobertas que se dão nos caminhos da elaboração da fonte como parte constituinte da pesquisa. O que se sobressai, portanto, não é o resultado dos trabalhos com a história oral, mas os bastidores. Desse modo, a obra evidencia, de forma empírica, algumas das singularidades do fazer histórico do e no tempo presente, como, por exemplo, a possibilidade de, como sugeriu Le Goff (1999), experimentar o peso do acaso. Somente o historiador que se dedica sobre um presente em andamento e que dialoga com testemunhas vivas tem esse privilégio e, ao mesmo tempo, enfrenta este dilema. Diferente de outras perspectivas e abordagens históricas, o seu trabalho está sujeito a sofrer modificações a todo instante, pois reflete as comoções que se desenrolam diante de seus olhos, e é justamente por isso que essa história torna-se objeto de uma renovação sem fim, como pontuou Bédarida (2001). São esses processos de renovação, ressignificação e de enfrentamento do acaso que são retratados em cada uma das experiências colaborativas descritas na obra.

REFERÊNCIAS

- BÈDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 219-229.
- DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018.
- HERMETO, Miriam; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2022.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs). **Questões para a história do presente**. Tradução: Ilka Stern Cohen, Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 93-102.

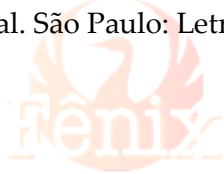
LOHN, Reinaldo Lindolfo.; AREND, Silvia Maria Fávero. Geografias historiográficas: o tempo presente visto do Sul em uma revista brasileira. In: Antônio Elíbio; Karl Schurster; Rafael Pinheiro. (Org.). **Tempo presente: uma História em debate**. Recife: EDUPE, 2019, v. 1, p. 147-169.

MAUAD, Ana. ALMEIDA, Juniele. SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ORTIZ, María Laura. Comentário: Como enfrentamos o imprevisto? Práticas constitutivas do método da história oral. In: HERMETO, Miriam; SANTHIAGO Ricardo (Orgs.). **Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p.9-17.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____.Posfácio. À espera do inesperado. In: HERMETO, Miriam; Santhiago, Ricardo (Orgs.). **Entrevistas imprevistas: surpresa e criatividade em história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2022. p. 319-330.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 17/10/2023

PARECER DADO EM: 19/10/2023